

UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA (UFRO)
CENTRO DE HERMENÊUTICA DO PRESENTE

PRIMEIRA VERSÃO

ANO III, Nº162 - SETEMBRO - PORTO VELHO, 2004
VOLUME XI

ISSN 1517-5421

EDITOR
NILSON SANTOS

CONSELHO EDITORIAL

ALBERTO LINS CALDAS - História - UFRO
CLODOMIR S. DE MORAIS - Sociologia - IATTERMUND
ARTUR MORETTI - Física - UFRO
CELSO FERRAREZI - Letras - UFRO
HEINZ DIETER HEIDEMANN - Geografia - USP
JOSÉ C. SEBE BOM MEIHY - História - USP
MARIO COZZUOL - Biologia - UFRO
MIGUEL NENEVÉ - Letras - UFRO
ROMUALDO DIAS - Educação - UNICAMP
VALDEMIR MIOTELLO - Filosofia - UFSC

Os textos no mínimo 3 laudas, tamanho de folha A4, fonte Times New Roman 11, espaço 1.5, formatados em "Word for Windows" deverão ser encaminhados para e-mail:

nilson@unir.br

CAIXA POSTAL 775
CEP: 78.900-970
PORTO VELHO-RO

TIRAGEM 200 EXEMPLARES

EDITORA UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA

PRIMEIRA VERSÃO

ISSN 1517-5421

lathé biosa

162



FLÁVIO DUTKA

DA UNIVERSIDADE E O "NADA"
REITORÍFICO OU DA REITORIA... Em vinte
anos, prá que serve isto mesmo?

Walterlina Brasil



Walterlina Brasil

Professora do Departamento de Educação - UFRO

wal@unir.br

DA UNIVERSIDADE E O "NADA" REITORÍFICO OU DA REITORIA... Em vinte anos, prá que serve isto mesmo?

A crise de pertinência por que passa a Universidade hoje embora com dimensões complexas, vem obtendo diversas formas de ressonância interna. Dentre elas a convivência política com o poder expresso na reitoria, que vem se moldando a partir de ressignificações que resumem a um nada a conversão social do conhecimento como uma das tarefas possíveis dessa Instituição realizar. Tal convivência vem inflando-se de gás e poderá estourar em qualquer nenhum-lugar, conformando-se em retalhos irreconciliáveis. Vem enchendo-se do vazio das noções políticas do comércio internacional, da falta de alma política e perfil institucional; por degradação da inteligência, do atrevimento, da utopia, da ideologia, da renovação burocrática e do eco moral expresso na íris. A coexistência com as pressões externas e internas de toda ordem, são minimizadas e traduzidas em "pérolas" explicativas tais como: "*e que é que eu posso fazer, né maninha? Nada né? O jeito é ir tocando*". Curioso é: Tocando quem ou o quê? O "gado"? Qual? A que preço? A um custo social de quantos?

A universidade *nadificada*, sem pertinência, é um nada que se distancia e se convence de que é inevitável distanciar-se da capacidade de produção e gestão do conhecimento, ou que este seja alcançável através do exercício acadêmico sério e responsável. Parece-me que isto ocorre exatamente quando uma maior aproximação a este debate (e não a outro) é o que seria necessário, como única forma (nestes tempos tão duros) de abjurar-se em esforço pelo coletivo, num sentido de acesso ao processo de conhecer, com equidade e qualidade do serviço que oferece.

A universidade *nadificada* é umbilical. Apenas o nada (no umbigo) é convergente e comporta a complexidade do poder na instituição universitária ao longo deste tempo. Por estas bandas do oeste brasileiro, a UNIR participa com vinte anos... gotículas para quem crê na humanização, eternidade para quem pensa em aposentadoria. A distribuição *nadificada* que posso tentar categorizar a partir da UNIR, poderia ser de qualquer outra, se vista com o cuidado de uma análise sobre o poder *reitorífico* e a convivência com suas instâncias políticas internas. São coisas que tem me dito os sentimentos e as leituras de quem sabe muito pouco desses assuntos, mas vem apreciando o nada que permeia e envolve momentos especialmente *nadificados*, como o de "consulta" interna, durante os atos em que a comunidade universitária *reitorificasse*.

O caráter e a legitimidade do momento político em aceder ao que é corretamente *reitorífico* na universidade certamente percorre uma larga história. Tocar nisto pode invadir o coração e as paixões históricas mais delicadas e difíceis de serem tratadas: vai do marco de uma importante reação nacional à ditadura, aos enclaves impensados das IFES Universitárias instaladas sem qualquer cuidado com sua natureza e identidades locais, marginando-as em seus projetos de implantação, como no caso das IFES Amazônicas. Estas feridas não daríamos conta tocá-las aqui, apenas reconhecemos que existem e são complicadas de sarar.

De fato, no que me interessa aludir, a reitoria ainda ilustra o desejo por um tipo de poder político – o *reitorífico* – que deveria ser exercido legitimamente, por um professor: a pretensão da execução de uma grande obra sob o comando de uma inteligência privilegiada e capaz de liderar aos demais. Está temporalmente situado no movimento na área das humanidades – na França – como a vontade dos pares das Artes e Letras em ter alguém cujo mérito da idade, competência, prestígio, assegurasse ao pretense *reitorista* uma condição de fazer-se respeitar primeiro no âmbito burocrático e, posteriormente, fazer-se seguir em idéias, projetos e desafios. Hoje reitoria vem se convertendo, simplesmente, um espaço de oportunidades... **peçoais**. Com o aborto paulatino da pertinência da Universidade, a conformação e os exercícios de poder máximo institucional (conselhos e reitoria, por exemplo) podem revelar esta outra face: aquela em que a Universidade vem se decompondo e sucumbindo: aos melindres políticos e falta de clima institucional para fazer-se. A UNIR em seus vinte anos (11 de julho de 1982) poderia ser uma amostra do que estou tentando apontar neste texto. Desde já peço o perdão pelo desconhecimento da *vida autorizada* pelos partícipes da UNIR há mais tempo, em suas vísceras e bofes, que chegaram a sentir o odor mais de perto e devem saber, melhor do que eu, qual foi ou é.

Longe de representar liderança interna, vigilância política, proibidade intelectual e moral, reitoria é, socialmente, um não-espaço social. Uma concentração gravitacional, uma força centrípeta, um nada nada fractário. O nada institucional possibilita que a reitoria seja uma mera contemplação dos desejos que se possa realizar, uma lâmpada de Aladin que, além de limitar os desejos, atende a quem o descobre (ou acede), incorrendo em uma decisão, em termos gerais, entre (1) servir às relações políticas gigantes (*reitorificar-se* é converter-se, politicamente, em uma igualdade pautada em função de uma carta de poder: são cargos, não pessoas; rejeita-se outras identidades) ou (2) a um projeto autônomo, coletivo, articulado, que conviva com os gigantes, mas crie um potencial realizativo inovador, criativo, com respeitabilidade social fundada na competência e liderança. Difícil encontrar quem alie ou sobreviva ao esforço dessa dupla ocorrência. Por conseqüência, no convívio *nadificado*, na rotina institucional, uma maioria expressiva de supostas *intelligentsias* procura “ficar bem” com todos, abonando ou acomodando sua capacidade crítica, inovadora e ética.

A falta de compromissos não vai longe e suas conseqüências estão **explícitas. Estão desencadeadas** por essa energia mundial de falta de sentido, de falta de convivência democrática que se instalou e a desmoralização da tarefa universitária que pode converter-se em soluções do tipo “trator”. Uma pá-de-cal no pouco que resta de consciência e intenções de elaboração consistente de um projeto institucional. O clima institucional, por sua vez, está longe de ser dos melhores. A ética do “*no-futuro-vê-se-não-me-atrapalha-pois-te-fiz-um-favor-hoje*”, detona qualquer oportunidade de diálogo crítico. O burocrático se confunde com o político e vice-versa, e ambos se confundem com ranços e mágoas pessoais. A barbárie que parece longe, está sentada na mesma mesa na qual todos se alimentam.

A *nadificação* política da universidade no poder *reitorífico*, constrói fenômenos realizativos parecidos com o princípio das ondas civilizatórias do Toffler (sem qualquer pretensão de comparação teórica, pois seria um esforço em outra dimensão): convivem entre si em um mesmo tempo e necessariamente não são concorrentes, mas, neste caso, apenas formulam um comportamento institucional *nadificado* e hegemônico. Ao longo desses vinte anos na UNIR, sua *nadificação reitorífica* poderia, a meu ver, ser agrupada inicialmente em quatro categorias mais abrangentes com dimensões reais e traçados próprios: o *sienismo*, o *ottismo*, o

januísmo e o *adunismo*. Esses fenômenos eventualmente podem ser fortalecidos ou desestabilizados com movimentos como o *DCEísmo* ou o *Caldaslocisismo*. Podem gerar partículas de ar no gás que preenche o vazio *nadificado*, mas, normalmente, são prontamente dissipados, como mais recentemente vem sendo tentado (não tenho noção – como não creio - se conseguido) no caso do “*Caldaslocisismo*”, ou reconvertidas a um dos fenômenos do poder *reitorífico*, como no *DCEísmo*. É bom tratar primeiro das quatro dimensões do nada *reitorífico* que presencia a UNIR, para posteriormente abordarmos as duas intervenções a estes, mencionadas aqui.

1. O **sienismo**, como diriam os *ottistas* é o exercício do poder formulado e exercido como uma fruta que amadureceu fora do tempo e às custas de muitas renúncias em favor do brilho do *ouro-de-tolo*. Suas raízes e convívio remontam o *antonismo* (gerado nas Uberlândias, lembram?). Portanto decorre das condições mais pífiadas da UNIR e, portanto, mais difíceis. Aí o nada não era previsível e parecia muito distante. O *sienismo* traz um nada que aprende só. É de traçar poucas metas, negocia quase nada, espatifa a celeuma da falta de calma, mas ignora as víboras que se apresentam, que o rodeia permanentemente, circundando-lhe, ávidas pelo poder que o instituiu. O *sienismo* tem a capacidade de gerar, em nome da paz (ou pax?) o poder centrado, mas autorizado. O nada é a justiça das circunstâncias.

2. O **ottismo** é o exercício da reitoria pelo *frison*, de fala áspera, que engole e faz engasgar a saliva. Da rotina da pele e o fascínio da autoridade. É a capacidade do calor das emoções (inclusive físicas), em todo seu potencial. Um abuso por estar na Universidade que governa, e uma vontade explícita de nunca ter estado ali ou, pelo menos, animar esta oportunidade. O nada é a celeuma.

3. O **januísmo** é o conhecimento (e uso) da natureza humana. O perdão do fetiche. Mais um aprimoramento do *ottismo*, sua humanização com o mesmo refinamento político (mas que não significa *neo-ottismo*). É o conhecimento de como quebrar as regras, sem gerar oposição. A capacidade de distribuir bondade aos poucos e desvincular-se de qualquer maldade. Difícil de saber o que pensa – se é que pensa em termos políticos ideológicos requeridos na condição *reitorífica* – somando a delicadeza mítica e a autoridade de um “senhorio”, de um “amo”, de um “coronel”. O *januísmo* pode facilmente mitificar-se. Ao mesmo tempo gera quem abuse de sua largura e fidelidade, e oculte contra o *januísta* sua capacidade de trair para beneficiar-se do próprio *januísmo*. Isto seria desnecessário, pois, em uma disputa, o *januísmo* constitui-se como adversário respeitável, de armas claras, na mesa: os detalhes são esquecidos (mesmo que seja o “ar” do pedinte), não se discrimina os critérios de justiça: o fim justifica os meios. Portanto quem é que corrompe: quem oferece ou quem pede? O *januísmo* cala porque atende. Rompedor, trator, o que seja! Mas reúne, aglutina, envolve, distribui pequenos agrados: resolve. As conseqüências disto: o curso de medicina, a editora da UNIR, a RIOMAR funcionando, 17 doutores numa fornada só, cursos interinstitucionais a rodo, cursos stricto sensu DA UNIR existindo, a UNIR em todo o interior do Estado... São fatos. O *januísmo* gera fatos, embora encubra processos, às vezes as custas de inibir a capacidade de análise sobre eles (analisar demanda tempo). O não nunca existe, e o talvez pode ser um não que isenta um *januísta*... e a verdade? É mais relativa do que “ $E=mc^2$ ”. O nada é realizar. Acontecer. O nada é a

negociação, a sensação de ritmo. A universidade crescendo; desastrosamente, mas crescendo, ainda que sem qualquer capacidade de posicionar-se adequadamente em termos políticos sobre seu próprio nada. E tudo o que é coletivo se desvanece no ar.

4. O **adunismo** é um fenômeno de poder *reitorificável* genérico; é digressivo. Como um potencial de “resistência”, não sabe bem o quanto deseja o poder, mas ao mesmo tempo não saberia bem o que fazer com ele se o obtivesse, pois o lance é nunca aceder a ele. Se isto ocorrer, se *nadifica* em uma das posições acima. Talvez trampolim, mais do que ponte. Por isso mesmo possivelmente oculte alguns *nadificantes* que de algum modo se sentem mais autorizados para realmente desejar isto: o nada que a reitoria é como uma condição de melhoria interna da capacidade produtiva institucional. Desarmado frente as pressões evidentes das grandes políticas – tal qual qualquer fenômeno *reitorífico* nesses vinte anos – promove uma vigilância da estagnação interna.

Agora, no caso da UNIR, como citei antes, é possível falar ainda dos movimentos paralelos à *nadificação reitorífica*, que acabam por ajusta-los. Algo que posso primariamente identificar como *DCEísmo* e o *Caldaslocisismo*. Não são exercícios *reitoríficos*, mas possuem grande capacidade de revelar-lhes o foco. O primeiro, reduzido em 85% do seu potencial político lógico, diz respeito a ilusão da discência conscienciosa e ao fervor ideológico. Espatifou-se na falta de leitura e de tempo e é apenas muleta *reitorífica*, pois, nos vinte anos, amarga as derrotas de ter apostado alto na idéia de que poderia dizer “xô” a *nadificação* da política universitária, e na roleta da crença ao *ottismo auto-Detonado*, perseguindo um pensamento de que a “UNIR viraria Universidade *com você*”. O *DCEísmo* poderia ser um fenômeno de integridade ética, mas sobra-lhe - como antes – ingenuidade, e como agora, medo e incertezas. Um nada sem conversão atual, cujas pressões faltam ainda em conteúdo e profundidade.

Já o *Caldaslocisismo* - se ganha corpo - traz enquanto idéia a justeza do fôlego, da inteligência e da revisão conceitual da Universidade de forma competente (em condições “técnicas” mais favoráveis do que o *Izuísmo*, o *Totismo* ou o *Sinedismo*, por exemplo, pretenderam alcançar). Nesses vinte anos, o *Caldaslocisismo* foi quem conseguiu produzir e repercutir o pensamento mais autêntico sobre o que é a Universidade e sobre o que a corrompe. Ainda que com a violência das palavras e o monólogo que acaba produzindo, remói e reconvoça a atitude institucional e a coragem do pensamento. Não macula, embora agrida com certo sadismo; constrói uma fogueira chamuscante (que rapidamente converte-se em incêndio), e, quando não queima a todos, cega mais do que ilumina, fazendo com que, propositadamente, os que constroem este fenômeno se assurdinem, implicando em um *Caldaslocisismo* do espelho ou do mimetismo (que é falso e estranho em relação a origem, pois *Caldaslocizar* implica em mostrar-se). Como a figura da medusa *Caldaslocizar-se* passou a significar petrificar-se com o próprio veneno. Nesse fenômeno, pedras envenenadas (em lugar de pessoas) devem parecer gente, caso contrário assustam. Daí o *Caldaslocisismo* fragilizou-se pela sua forma nada confiável de se exprimir e de compartilhar-se, pois parece necessitar ser uma doença em lugar do fenômeno com a boniteza e conteúdo que traz e a deferência que merece.

A proposta *Caldaslocizante* não pretenderia o poder *reitorífico*, mas o solicita e também o *nadifica*. Se exercido, possivelmente seria idêntico ao *ottismo*. O método porém, causou, felizmente, um fervor menos esterilizante que um *ottismo*. Levado a termo e em seu lugar (na paralela) deveria gerar uma revolução no

pensamento interno, em lugar de um abandono personalista. Na verdade, nunca se saberá o quê ou a quem um *Caldaslocisismo* representa, pois aí o nada está por toda parte, em um não-lugar longe de si mesmo e um apreço indiscutível a libertinagem das palavras, numa reconfiguração teórica densa e permanente. De fato, um nada intenso, corporificado e válido. Traz algo de inteligência para o que uma reitoria poderia ser, embora nunca será, pois a *Caldaslosidade* constrói evidências da *nadificação* do poder institucional que só existe se não for permitido que ocorra.

Pois bem, os eventos descritos neste texto adjetivaram-se a partir de pessoas concretas, com a pretensão de indicar um modo de ver como se conseguiu *nadificar* linguagens políticas, através do poder *reitorífico*, de gestão nada-ideológicas, com um vazio cheio de nenhum-lugar. A idéia foi expressar as condições de como vejo em que a política interna vem se convertendo, como vem se fazendo; "iconografá-las", para que se possa visualizar um entendimento - especulativo por certo - de algumas partes deste todo que compõem o nada dessa Universidade. Assim, já que adjetei os fenômenos *reitoríficos* segundo uma percepção e critérios bastante pessoal, tentando comportar os vinte anos com denominações que me parecem óbvias, porque não vejo um *enismo* na UNIR? Porque essa reitoria, enquanto fenômeno de poder interno e sua forma de existir, não existiu (independente da sinceridade, presteza, boa vontade e capacidade científica de sua liderança, cujo respeito testemunho). A fidelidade que surgiria em um *enismo*, escorreu pelo *januísmo*. O *enismo* só ocorreria se por si, mas é uma circunstância. Não é uma reitoria, um poder; é um evento. Se fosse possível realizar-se seria, no máximo, um *sienismo*. Se parecer tentar prosseguir, o que ocorrerá é uma avaliação do *januísmo*. Portanto, uma arapuca política e o continuísmo visando a uma *nadificação* corretiva. Conseqüentemente, o que talvez precise prosseguir é um fenômeno existente ante a uma aparente incapacidade de se gerar outro.

A UNIR (este ente) está abandonada em si mesma. Um exemplo é dizer que a Universidade poderia ser debatida a partir de seu nome, de sua cara, de seus processos acadêmicos, em lugar de ver-se motivada favoravelmente exclusivamente a partir de momentos tópicos de uma "consulta interna", por exemplo, ou associada a uma "gestão", que já se revelaram pouco coerentes, após consagradas. Esta visão é um tipo mais amplo de *nadificação*: aquela dos Conselhos Superiores. Gera-se um panorama limitado da motivação institucional (a pessoas ou grupos *reitoríficos*) e daí sucumbe-se qualquer capacidade de reação que possa gerar uma melhoria nos fenômenos que se apresentam. Infelizmente a *nadificação* tende a aperfeiçoar-se enquanto estratégia, mas não em responder a dinâmicas mais exigentes em relação ao que a universidade é.

Em termos gerais então, posso sintetizar que as formas de poder *reitorífico* sempre estiveram aí, enquanto os ajustes nem tanto. Ambos são mecanismos construídos no calor das circunstâncias e das oportunidades; construções sobre um modo de ver a Universidade e exercê-la. Das quatro categorias, o *januísmo* pareceria o mais surpreendente, mas também sempre esteve aí, nesses vinte anos de UNIR, quem sabe em porções menores (que não conseguem uma mesma força, ritmo e precisão) como um *francinetismo*, um *militãonismo*, ou mesmo como uma "banda larga" pouco conhecida e não revelada do *DCEísmo* talvez. É sua manifestação como civilização do poder que é recente.

Enfim, em vinte anos, a UNIR está fazendo suas escolhas e produzindo os fenômenos que quer. A questão aqui não é discutir dentre os processos qual aquele que nos destina a um mal menor, mas pelo menos aquele onde as regras do jogo estão mais difundidas, afinal a UNIR, em vinte anos é mais um jogo interno do que uma luta de consciências... e nenhum *Caldaslocisismo* seria capaz de (de)construir e não parece ter esta pretensão, muito menos um *DCEísmo* atualmente deslocado (ainda que esforçado).

Em tempos de eleições, um texto como este pretende ser reflexivo. Em vinte anos as opções institucionais que prevaleceram foram de esfacelamento na qualidade e nos processos de participação política interna e, como boa parte das Universidades brasileiras, que julgam não ter que responder socialmente pelos seus atos, está deixando de ser um bem público ou de pretender ser melhor do que é, em termos de qualidade. O que parece acenar como mais adequado e oportuno para a UNIR é que o *januísmo* se assuma, caso contrário que surpreendam propostas distintas aos fenômenos *reitoríficos* aqui categorizados. Desde já pressinto que seriam heróicas se aparecessem e provavelmente não vencerão. (Se bem que perder também é uma boa desculpa para persistir: lembremos – nos gigantes - os antagônicos *malufismo* e *lulismo*). Por sua vez o *enismo* dificilmente ocorrerá, pois não foi pensado para ocorrer e reitoria não é para quatro anos. Façam suas apostas... afinal, pra que serve a universidade mesmo?

VITRINE

DIVULGUE:

PRIMEIRA VERSÃO
NA INTERNET

<http://www.unir.br/~primeira/index.html>

Consulte o site e leia os artigos publicados

*Adeus a essa arte de loucura,
não há nada mais louco que a retórica.
Causas só têm defeitos
que geram outros
e se assim estamos há milênios,
adeus, filosofia da testa inchada
e velas sebosas,
adeus, materialidade
dos ventos de baixo
e das línguas de cima,
adeus, amores, adeus.*

CARLOS MOREIRA